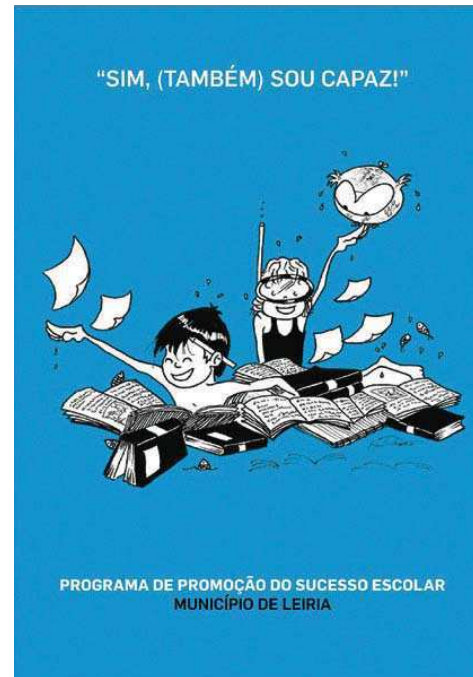


ID: 115484509 05-02-2025 | EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO PROFIS.

# Os jovens não querem ser professores?

JOÃO CARRAÇA



❏ A escassez de docentes, em Portugal, tem deixado anualmente milhares de alunos/as sem professor a uma, ou mais disciplinas e, enquanto o ritmo de aposentação docente acelera, o número de inscritos em cursos profissionalizantes continua insuficiente face às necessidades projetadas.

As investigações em torno das motivações para a docência têm-se centrado em quem já se encontra em formação, ou no exercício da profissão, contudo, é precisamente quem já considerou segui-la, mas não o fez, que melhor poderá informar sobre a atratividade da mesma. No âmbito de uma Dissertação de Mestrado, em Políticas Públicas, procurei-se então compreender partindo da perspetiva analítica da precariedade como é que as condições socioprofissionais dos/as jovens docentes contratados/as a termo certo influenciam a escolha de jovens estudantes universitários, do 1º Ciclo de Ensino Superior, pela profissão. Neste sentido, desenvolveu-se uma investigação exploratória assente no método misto sequencial, sendo que, primeiramente numa abordagem intensiva, realizaram-se oito entrevistas semi-diretivas com docentes do ensino básico e secundário público contratados/as a termo certo na Grande Lisboa e, posteriormente, numa abordagem extensiva, aplicou-se um inquérito por questionário a 236 jovens estudantes de licenciatura das Faculdades de Letras e de Ciências da Universidade de Lisboa.

Os resultados das entrevistas evidenciam que os/as jovens docentes contratados/as a termo certo manifestam incerteza e insegurança relativa à continuidade do seu

## A instabilidade contratual e a baixa remuneração são perceções relativas à profissão docente com elevada concordância entre os/as jovens, bem como a intensificação da carga laboral docente, e o desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional

emprego, seja na atual escola e/ou em horário completo. Ademais, os/as entrevistados/as reportam um sentimento de sujeição e impotência face à escolha entre a candidatura a escolas na sua zona de residência, com incerteza relativa à colocação e/ou em horário completo, ou a candidatura a outras zonas do país que garantam o emprego em horário completo e possibilitem o posterior ingresso na carreira.

Esta insegurança, nomeadamente económica, afeta por consequência a sua autonomização pessoal, seja pelos custos geograficamente assimétricos da habitação ou outros custos de vida – especialmente em Lisboa. Aqui, a vinculação é percecionada como um mecanismo fundamental para a sua estabilidade económica,

embora os/as jovens docentes também recorram a outros mecanismos como o acúmulo de horas extras e o desempenho de outras profissões, nomeadamente no mercado paralelo de explicações.

Neste sentido, também os resultados do inquérito sugerem que os/as jovens estudantes universitários/as não percecionam a profissão docente como segura e estável nem como apresentando boas perspetivas de progressão na carreira.

Não obstante, o impacto desta precariedade não se cinge à esfera económica, a insegurança afeta também a fluidez das relações sociais que os/as jovens docentes estabelecem nas escolas com os seus alunos, os seus colegas e a direção escolar. A sua contingência origina inclusive situações de exclusão da participação e envolvimento em decisões coletivas como a construção dos horários das turmas. Esta destruturação da solidariedade profissional não assenta somente no fator contratual, como também no seu grau de formação pedagógica (como no caso dos docentes com habilitação própria), e na sua idade, levando à sua juvenilização e a sentimentos de inferioridade que colocam em causa a sua autoeficácia.

No caso da direção escolar os/as jovens docentes reportam uma elevada “pressão” para o cumprimento da carga laboral não letiva, ou o que os docentes denominam de “trabalho burocrático”. Esta carga laboral não letiva surge frequentemente associada ao comportamento dos/as alunos/as e é intensificada pelo acúmulo de funções como a de direção de turma. Estas dimensões, em par com os imperativos avaliativos, restringem a autonomia docente

e transcendem a relação espaço-tempo escolar culminando no que os/as entrevistados/as consideram uma “cultura de trabalho ao fim-de-semana”.

De acordo com os resultados do inquérito esta dimensão é também relevante tendo em conta a importância que os/as jovens estudantes universitários/as conferem à autonomia e ao equilíbrio, entre a vida pessoal e profissional, na escolha da sua carreira profissional, e a perceção – especialmente entre quem se encontra hesitante em seguir a profissão – de que esta não confere uma carga laboral que lhes garanta esse equilíbrio.

Em suma, os resultados evidenciam que a instabilidade contratual e a baixa remuneração são perceções relativas à profissão docente com elevada concordância entre os/as jovens, bem como a intensificação da carga laboral docente, e o desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Estes resultados sugerem que estabilidade e valorização remuneratória docente, bem como a redução da sua carga laboral, nomeadamente da componente não letiva, poderão constituir importantes eixos de ação para políticas de melhoria da atratividade da profissão junto dos/as jovens. ■

\* João Carraça é mestrando em Sociologia (ISCTE-IUL)

### LINKS DAS INQUIETAÇÕES PEDAGÓGICAS

[pedagogicasinquietacoes@gmail.com](mailto:pedagogicasinquietacoes@gmail.com)  
[inquietacoespedagogicas.blogspot.pt](http://inquietacoespedagogicas.blogspot.pt)  
[www.facebook.com/InquietacoesPedagogicas](https://www.facebook.com/InquietacoesPedagogicas)  
[www.youtube.com/user/InquietPedagogicas](https://www.youtube.com/user/InquietPedagogicas)